

Para economista, o grande desafio é estabilizar dívida

Khair diz que queda dos juros permitirá retomar crescimento e recuperar confiança de investidores

JOSÉ ANTÔNIO RODRIGUES

O especialista em finanças públicas Amir Khair acha que o grande desafio inicial de um governo Luiz Inácio Lula da Silva (PT) será estabilizar a relação entre dívida pública e Produto Interno Bruto (PIB), que em setembro voltou a superar 60%, com a alta do dólar. Para aliviar o endividamento público, recuperar a confiança dos investidores e retomar o crescimento, ele propõe reduzir o juro real, “que está roubando os recursos da área social”.

Para Khair, com o superávit fiscal de 3,75% do PIB, o crescimento teria de ser de 5,5% a 6% para evitar o aumento progressivo da dívida. Rigoroso, ele acha que o governo “só deve gastar o que arrecada, deve viver com as próprias pernas”.

Consultor do BNDES sobre Lei de Responsabilidade Fiscal e secretário da gestão Luiza Erundina na Prefeitura, Khair

é o autor do estudo “Custos e fontes de recursos para os programas do PT”, um roteiro de fontes no Orçamento que Lula, se for eleito, poderá usar para a área social no primeiro ano.

Estado – Que cenário o sr. traça para o Brasil?

Amir Khair – Em relação às contas internas, a grande preocupação é com a dívida pública, que hoje está na ordem de 60% do PIB. E essa dívida tem um componente perigoso, os encargos financeiros: nos últimos 12 meses que terminaram em agosto o resultado primário foi de 3,5% do PIB, mas os juros comem o resultado, o que leva a um déficit de 6,4%. Isso é preocupante porque quem sofre com os juros é o governo federal, que é o detentor de toda a dívida mobiliária. Quando o governo define juros extremamente altos, dá um tiro no pé, porque é o grande devedor.

Estado – O que fazer?

Khair – A principal questão é manter estável a relação dívida líquida/PIB. À medida que essa equação é rompida, cada vez serão necessários resultados primários maiores. Como

estamos com 12% de juro real, há um crescimento dessa relação, independente do câmbio, que é o grande responsável pela expansão vertiginosa da dívida. Acredito que tem sim de gerar o superávit primário, mas ao fazer isso você está abrindo mão de um monte de aplicações importantes na área social. Acho que até o governo Fernando Henrique gostaria de aplicar mais na área social, mas ficou refém da política econômica.

Estado – O estudo que o sr. fez para o PT, sobre recursos para a área social...

Khair – Eu não queria falar disso, Lula é quem vai falar. Mas é isso mesmo. Para poder, efetivamente, ter gasto na área social precisa reduzir o componente juros, que é o que está roubando recursos dessa área. O País não pode brincar com isso.

Estado – Haverá espaço político para isso?

Khair – Sim, e aí tenho uma confiança extraordinária na capacidade de articulação do Lula e do PT. Acho que damos ba-

nho de competência política em relação ao governo FHC. A governabilidade para nós é uma questão essencial.

Estado – É possível reduzir os juros e rolar a dívida?

Khair – Esse é o problema principal. Mas é possível, desde que se inverta a política econômica e se procure fazer o crescimento, com mais exportações e menos importações. O

Brasil só tem saída se tiver taxas de crescimento de 5% a 6%. Expandir as exportações e substituir importação é fundamental para gerar emprego, produção, desenvolvimento.

Para poder ter gasto social precisa reduzir o componente juros, que está roubando recursos da área. O País não pode brincar com isso

Estado – Como será 2003?

Khair – Será apertado, mas vai ser o início de uma virada. Não vira de repente, mas aos poucos vai virando. À medida que o mercado perceber que a economia do País está influenciada pela economia real e não pela artificial aumentará a confiança e a chance de o País crescer e, conseqüentemente, ter lastro real para investimento.